

A violência no contexto de crianças em uma escola pública: relato de experiência de uma oficina.

Violence in the context of children in a public school: report of the experience of a workshop.

La violencia en el contexto de niños en una escuela pública: relato de experiencia de un taller.

Nadyelle Carvalho Pinheiro¹

Ronaldo Rodrigues Pires¹

Ingrid Bezerra Costa Maia¹

Ana Carolina Souza Torres¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender, através de percepções e expressões das crianças, o modo como estas convivem e/ou reproduzem a violência em seu cotidiano. Para tanto, nos utilizamos do relato de experiência de uma oficina realizada com alunos do quarto ano de uma escola pública de X. A partir do exposto nas produções e nos relatos ao longo da oficina foi possível identificar vivências de violência urbana, presente através dos desenhos de armas de fogo e dos relatos das situações violentas no bairro onde moram. A violência escolar manifestada por atos de agressão entre alunos também foi percebida através dos desenhos. A partir disso se conclui sobre o fato da violência permear as relações entre as crianças, tanto no contexto comunitário como institucional. Dessa forma, vimos a necessidade da criação de estratégias de enfrentamento à violência, como promoção de saúde no contexto escolar e comunitário.

Palavras chave: violência, escola, promoção de saúde.

ABSTRACT: The objective of this research paper is to comprehend, through children's perceptions and expressions, the way they live and/or reproduce violence in their daily lives. Therefore, we used the report of a workshop held with students off the fourth year from a public school in X. From what was exposed in reports during the workshop, it was possible to identify experiences of urban violence through drawings of firearms and reports of violent situations on the neighborhood where the children live. Also, school violence was manifested by acts of aggression among students, which was also identified through their drawings. From that, it was possible to conclude about the

1 Escola de Saúde Pública do Ceará

fact that violence is present in the relationship between children, the community where they live, and their school. To conclude, we saw the necessity of creating strategies to confront violence to promote health in a communitarian and academic environmental context.

Key words: violence, school, health promotion.

RESÚMEN: El objetivo de este trabajo es comprender, a través de percepciones y expresiones de los niños, el modo como estos conviven y/o reproduzcan la violencia en su cotidiano. Para tanto nos utilizamos del relato de experiencia de un taller realizado con alumnos del cuarto año de una escuela pública de X. A partir del expuesto en las producciones y en los relatos a lo largo del taller fue posible identificar vivencias de violencia urbana, presente a través de los dibujos de armas de fuego y de los relatos de las situaciones violentas en el barrio donde viven. La violencia escolar manifestada por actos de agresiones entre alumnos también fue percibida a través de los dibujos. A partir de eso se concluye bajo el hecho de la violencia permear las relaciones entre los niños, tanto en el contexto comunitario como institucional. De esa forma, vimos la necesidad de la creación de estrategias de enfrentamiento a la violencia, como promoción de salud en el contexto escolar y comunitario.

Palabras clave: violencia, escuela, promoción de salud.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na sistematização de uma experiênciarealizada pela primeira autora como psicóloga residente em um programa de Residência Integrada em Saúde (RIS). O referido programa teve como objetivo proporcionar a formação multiprofissional em caráter de residência como uma estratégia de educação permanente nos centros urbanos, mas que pudesse também descentralizar o conhecimento para o interior do Estado¹. Nesse contexto de expansão da segunda turma do programa, foi aberta assim a possibilidade de participação da primeira autora na Ênfase em Saúde da Família e Comunidade, como membro do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF).

A Equipe de Saúde da Família Residente, contava com os profissionais da equipe de referência, enfermeiros e dentistas e com os profissionais do NASF: psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais e fisioterapeuta, lotados em Unidades de Atenção Primária à Saúde (UAPS) do município de X, sendo responsáveis por dividir o trabalho com os profissionais da unidade de lotação.

Para que as atividades realizadas fossem fundamentadas na necessidade da população na qual os residentes estavam inseridos, foi realizada uma territorialização, processo que consiste na identificação dos limites do território de atuação da unidade bem como o reconhecimento do ambiente, da população, da dinâmica de funcionamento e dos serviços de referência. Desse modo, pudemos perceber que o espaço de atuação, além de uma delimitação espacial possui um perfil histórico, demográfico, epidemiológico, administrativo, tecnológico, político, social e cultural, que o caracteriza como um território em permanente construção².

A territorialização da Unidade de Atenção Primária em Saúde (UAPS)X foi construída através de diferentes estratégias. Uma delas foi por meio das caminhadas na comunidade para melhor percepção dos espaços, visitas às instituições de referência como o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), o Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS) e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), além de visitas aos comércios locais, espaços coletivos como escolas e igrejas. Neste processo, foram construídos encontros que denominamos de Oficinas de Territorialização realizadas em diferentes pontos da área de abrangência.

Foram realizados vários encontros, cada uma deles com público diferenciado, a fim de ser possível escutar as diversas demandas sociais da área adscrita. Duas oficinas, em especial, chamaram atenção por trazerem a tona a seguinte temática: a violência. Ambas realizadas em uma escola pública municipal. Uma foi realizada com os professores e outra com os alunos do ensino fundamental da escola com idade entre 7 e 10 anos, compreendendo turmas do terceiro, quarto e quinto anos.

Ao perceber esse ponto de tensão relatado nas oficinas surgiu o interesse em trabalhar com o tema da violência, devido à mobilização já existente pelos integrantes em suas preocupações e também da aproximação anterior com a temática, através de projetos de extensão vivenciados na graduação com o público em questão.

Diante dos aspectos mostrados acima, percebemos ser de fundamental importância a participação do profissional psicólogo como agente facilitador de reflexão na comunidade e na própria escola, a fim de desmistificar conceitos enraizados de violência, bem como de desnaturalizá-los, sendo, portanto, um mediador e um agente promotor de intervenções que promovam a saúde e o bem estar comunitário.

A criança é tida como o público mais vulnerável e exposto às condições sociais, portanto os mais afetados em situações de violência dentro da comunidade, na família ou na escola o que pode afetar diretamente na construção de sua personalidade e na forma com a qual ela percebe o mundo³. Portanto, atuar desde a infância promovendo saúde e facilitando reflexões sobre o cotidiano tornam-se imprescindíveis na construção de uma sociedade menos desigual e violenta.

Ao identificar a demanda dos estudantes e dos professores, a equipe de residentes planejou um cronograma de oficinas junto à escola, utilizando como articulador principal o Programa Saúde na Escola (PSE). Programa este essencialmente intersetorial que busca uma constante articulação entre educação e saúde, a fim de promover qualidade de vida e uma formação integral do aluno com ações de promoção, e prevenção em saúde em cinco frentes de atuação: avaliação das condições de saúde das crianças, promoção da saúde e ações de prevenção de doenças e de agravos à saúde, educação continuada e capacitação dos profissionais da educação e da saúde e dos jovens, monitoramento e avaliação da saúde dos estudantes e por fim o monitoramento e avaliação do programa⁴.

O PSE torna-se então uma importante forma de acesso ao público infantil identificando a escola

como espaço ativo de formação de consciência, das crianças como sujeitos ativos de sua saúde.

Por isso, se torna imprescindível refletir sobre a violência no dia-a-dia destas crianças no contexto urbano no município X, utilizando a experiência da Oficina Violência e Insegurança realizada pela equipe do NASF residente inserida no Programa Saúde na Escola (PSE), no referido município.

Oscaminhos da violência: compreendendo o fenômeno

A violência tem sido objeto de estudo das mais variadas áreas de pesquisa como sociologia, antropologia, psicologia e saúde, cada uma trazendo suas contribuições, mas acima de tudo agindo em conjunto para buscar intervenções que minimizem os impactos sobre a sociedade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde⁵ podemos conceituar a violência como o uso intencional da força física, ou do poder real, ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou mesmo contra um grupo ou comunidade, de forma a resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

A amplitude deste conceito permite perceber a complexidade e, por conseguinte, a intersetorialidade envolvida na explicação e na intervenção das situações de violência, sendo inconcebível reduzi-las a relações simplistas de causalidade. Como afirma Dimenstein e Vilhena⁶, “tal compreensão nos ajuda a desmistificar a relação entre violência e juventude concentrada nas camadas pobres, com base no estereótipo que liga violência à miséria, pois se trata, na verdade, da nossa imersão em uma cultura cujo produto são formas de relações sociais e subjetivas específicas.”

A criança, portanto, constrói sua subjetividade, a partir das relações sociais inseridas em um espaço/território, que é um “campo de construção da vida social onde se entrecruzam, no tempo plural do cotidiano, os fluxos dos acontecimentos e os fixos - o incontável arsenal de objetos técnicos”⁵. Podemos então considerar, no contexto desse trabalho, o espaço escola e o espaço bairro como fontes geradoras de subjetividade e dessa forma das relações que tem como modo de sociabilidade a violência.

No contexto comunitário dos centros urbanos as crianças convivem cotidianamente com roubos, tráfico de drogas, execuções, brigas entre gangues sendo inseridos cada vez mais cedo dentro da lógica de “afirmação identitária por meio da negação de valores e normas societárias vigentes em um movimento de inclusão/exclusão social”⁷.

Esse contexto vivido pode servir de base para justificar a utilização da violência como meio para reduzir as diferenças ocasionadas pela desigualdade social, bem como pela necessidade do reconhecimento enquanto ser social tão presentes nos bairros pobres. Por isso, apesar das consequências, como a morte ou a prisão, os indivíduos inseridos neste cenário, por não disporem de boas condições e outras opções de identificação, podem optar e serem seduzidos a fazerem parte

do tráfico uma vez que podem adquirir bens, respeito, ou mesmo mulheres⁶.

Considerando ainda, as possibilidades de manifestação destes espaços, é importante trazer as discussões acerca da violência escolar, que acaba por refletir o contexto e as percepções dos alunos sobre violência. Por isso é possível identificar, segundo Ristum⁸ formas de agressão entre alunos, como insultos, brigas, furtos, ou mesmo o bullying entre professores e alunos, em que ambos assumem ora o papel de agressor ora o de vítima. Por fim, também se identifica na literatura a presença da violência dos alunos em relação à escola com a não preservação do material e pichação⁸, por exemplo.

A partir deste referencial consideramos ser possível embasar a discussão acerca das concepções das crianças estudantes da escola onde foi realizada a experiência desejando trazer alguma contribuição para pensar a prática profissional neste cenário de atuação.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste artigo é o relato de experiência da Oficina Violência e Insegurança, vivenciada por meio da Residência Integrada em Saúde RIS na ênfase em Saúde da Família e Comunidade.

O relato de experiência assume não somente um papel descritivo dos processos vivenciados, mas a oportunidade de gerar conhecimento inserido em uma prática concreta e dinâmica, que permite extrair dela suas “contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria”⁹.

Dessa forma, a partir da sistematização da experiência é possível produzir reflexões críticas da realidade, gerar novos aprendizados a fim de melhorar a prática, assim como também compartilhar os resultados para que possa contribuir em atividades futuras⁹.

A fim de promover uma aproximação, assim como uma compreensão das percepções vividas na oficina, Holiday⁹ sugere um processo de abstração fundamentado na análise, que “permite desagregar um acontecimento ou situação em seus diferentes componentes, estudá-los em separado, procurando localizar na sua estrutura interna as características particulares de cada elemento”. Sendo possível identificar as concepções e perceber a dinamicidade da relação entre o mundo real e a teoria.

O período em que ocorreu a intervenção por meio das oficinas foi de setembro de 2014 à maio de 2015. O espaço utilizado para as intervenções foi uma escola pública municipal, localizada no município de X, que atende desde a educação infantil na creche-escola até o Ensino Fundamental I em um dos cenários de prática da equipe de residentes de Saúde da Família.

Traremos para este relato a síntese da sistematização de duas oficinas. Uma com a intenção de realizar os objetivos da territorialização onde surgiu o tema junto com os professores e alunos e a outra decorrente da identificação das demandas que foi a oficina sobre a violência e a insegurança feita com os jovens estudantes.

Com o intuito de promover a reflexão sobre as concepções de violência, assim como seus impactos entre as crianças, foi utilizada como metodologia de trabalho a proposta das oficinas, que se trata de uma formação coletiva, em que se busca a horizontalidade nas relações e o estímulo ao diálogo entre os participantes, sem que se institua o lugar do saber, ou seja, daquele que detém todo o conhecimento, na figura do facilitador.

Como afirma Candau¹⁰ as oficinas pedagógicas constituem uma estratégia metodológica baseada na articulação teoria-prática, que utiliza depoimentos e histórias de vida, empregam diferentes linguagens, promove o diálogo entre diversos saberes e conhecimentos, usa técnicas participativas e favorece a construção coletiva.

A Oficina está inserida no quadro de atividades do Programa Saúde na Escola (PSE), programa fruto da integração do Ministério da Educação com o Ministério da Saúde que tem por objetivo a ampliação das ações de saúde dentro da rede pública de ensino, uma vez que se percebe a escola como lugar de formação e construção de opinião⁴. Percebendo a potencialidade deste espaço foi construído um planejamento das atividades a partir das Oficinas de Territorialização supracitadas, no qual a “Oficina Violência e Insegurança” esteve inserida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oficinas de Territorialização: identificando as demandas

As demandas dos professores

A princípio foi realizada uma oficina com os professores que teve por título: O olhar e a importância do professor sobre o território. A mesma aconteceu na data de 30 de Setembro de 2014, com os professores da escola pública durante o turno da manhã. O momento foi mediado através de parceria direta entre os residentes e a coordenação da escola, com o objetivo de elencar problemáticas, desafios e potencialidades existentes na escola, no bairro. Os profissionais foram receptivos a proposta, contribuindo com a oficina ao trazer as suas experiências e demonstrando grande entusiasmo pela parceria entre a equipe de saúde e a escola que começava a se desenhar naquele encontro.

O momento inicial da oficina foi marcado pela explanação do que era a Residência Multiprofissional e a importância do envolvimento da escola e dos profissionais como corresponsáveis para o desenvolvimento de ações em saúde. Em seguida, aconteceu uma breve apresentação dos atores

presentes e suas expectativas em relação à proposta apresentada.

A dinâmica utilizada teve como objetivo elencar os problemas e potencialidades através de uma “chuva de ideias”, que consistiu em listar, a partir das suas percepções, os pontos positivos e negativos existentes no território, já apontando para ações futuras.

Dentre as potencialidades citadas pelos professores, surgiram falas como a faixa etária dos alunos serem homogêneas, o que contribuía na criação do planejamento, bem como no manejo em sala de aula; o bom relacionamento do grupo, que facilitava a realização das atividades; assiduidade dos alunos; afetividade mútua entre pais, alunos e professores; acesso fácil à escola, que fica localizada próxima à avenida principal do bairro e próxima das paradas de ônibus; a flexibilidade de negociação entre professores e gestor, tornando o ambiente de trabalho agradável.

Quando indagados acerca das fragilidades percebidas foram elencadas a falta de acompanhamento da aprendizagem do aluno pela família; algumas crianças indisciplinadas; insegurança, violência e drogas nos arredores da escola; falta de políticas públicas condizentes com a realidade de vulnerabilidade do território; lidar com crianças com dificuldades de aprendizagem; melhores condições de trabalho ao profissional e falta de união do grupo de professores.

O momento foi encerrado com a dinâmica da “teia”, na qual um rolo de barbante é passado para cada integrante do grupo seguido de uma palavra que expresse o desejo diante das novas propostas. A técnica recebe esse nome, pois a imagem formada relembra a figura de uma teia. A atividade foi escolhida com o intuito de fomentar a parceria e importância de vários atores para a realização de ações em saúde.

Essa oficina buscava perceber a percepção dos professores sobre o território. No entanto, ao longo da discussão as impressões acerca das relações no território-escola foram surgindo, o que levou a uma reestruturação da oficina realizada com as crianças, que já trouxe a percepção do território – bairro e do território-escola.

As demandas das crianças

Em outro momento foi realizada uma oficina de territorialização com os alunos que teve por nome, “O olhar da criança sobre o bairro e a escola”. A oficina aconteceu na mesma data que o encontro construído com os professores sendo uma no período da manhã e outra no turno da tarde. Participaram 60 crianças, que foram subdivididas em quatro grupos, com faixa etária de 7 a 10 anos de idade.

Neste referido dia a equipe de residentes e preceptores que colaborou na realização das oficinas foi dividida, a fim de reduzir os impactos no funcionamento da escola, retirando o professor de sala enquanto seus alunos estavam acompanhados.

No turno da manhã a oficina foi realizada com os alunos do terceiro e quarto ano, enquanto no turno da tarde com os alunos do quarto e quinto ano com a finalidade de compreender o conhecimento das crianças acerca do território, da escola e de sua vivência nestes ambientes.

No momento inicial da oficina foi realizada uma dinâmica de aquecimento com o objetivo de estimular a parceria, a integração e o trabalho em grupo. Utilizamos um balão preso aos pés de uma dupla de crianças, com o intuito de que cada dupla protegesse o seu balão ao mesmo tempo em que tentava estourar o balão de outras duplas. Este momento de integração foi realizado apenas nas turmas do turno da manhã, pois em uma das turmas não foi possível finalizar a oficina tendo em vista a agitação na qual elas se encontravam tornando difícil a transição para os momentos seguintes.

Em avaliação do momento no turno da manhã pelos residentes, foi pactuado que no turno da tarde o momento inicial, que consistia na dinâmica de integração com balões seria cancelado e que era importante o auxílio do professor dentro da sala para ajudar a mediação e desenvolvimento das atividades.

O segundo momento da oficina consistiu na confecção de um desenho em folha de ofício a partir de perguntas disparadoras acerca do território, da escola e de suas vivências. As perguntas foram as seguintes: “Quais atividades eu gostaria que tivesse na minha escola?”, “O que eu gostaria de aprender aqui?”, “O que eu gostaria que tivesse aqui no bairro?”, “O que podemos fazer por nossa escola e o nosso bairro?”.

O momento para confecção dos desenhos ocorreu de forma fluída e tranquila com entusiasmo e empenho dos alunos. As respostas e/ou representações acerca das perguntas disparadas, foram as mais variadas possíveis, desde sentimentos momentâneos, desejos profissionais, tais como, “ser professor, advogado, juiz, caminhoneiro” e “conversar com meus colegas para não jogar mais lixo aqui na escola”, a relatos de situações de violência presenciadas na praça próxima a escola, como assaltos, que segundo os relatos acontecem com frequência, homicídios ou ainda tráfico e uso de drogas nos arredores da instituição.

As oficinas de territorialização trouxeram diversos pontos de tensão, contudo o medo dos professores diante de ameaças feitas por seus alunos, bem como a possibilidade de trazer uma nova perspectiva de enfrentamento da realidade através da promoção de saúde foi o que nos motivou para que a Oficina Violência e Insegurança fosse planejada e direcionada para esse público.

Oficina Violência e Insegurança

A oficina foi realizada no primeiro semestre de 2015, com os alunos do 4º ano A e B, após as férias escolares - retardadas em função de uma greve de professores ocorrida no referido ano. O público foi escolhido com o intuito de dar continuidade às atividades iniciadas no período anterior.

daterritorialização, mantendo e fortalecendo o vínculo construído.

As oficinas aconteceram na própria escola, utilizando salas da própria turma e na biblioteca. Os materiais utilizados pelos facilitadores foram revistas, papel ofício, cola, tesoura, papel madeira, giz de cera, lápis de cor e caneta hidrográficapara a produção de uma colagem com base em uma questão disparadora.

Os alunos foram divididos em duas salas.Em cada sala ficaram dois facilitadores para organizar e garantir o trabalho dos participantes.O tempo gasto em toda a oficina foi de duas horas. Em uma das turmas a professora optou por ficar com os alunos.

Todos os materiais foram dispostos o meio do círculo, seguido da explicação e da frase geradora: “O que é violência pra mim?”. A partir da pergunta cada individuo produziu uma síntese, através da colagem ou do desenho respondendo-a.

Com as colagens e desenhos em mãos o grupo apresentou ao demais a suas produções e explicou-a, a fim de que ficasse claro a percepção de cada um sobre o tema, bem como as histórias a serem contadas. Para finalizar, colamos no papel madeira para que todos pudessem ver e ficasse registrado o que foi trabalhado ao longo do encontro. Em seguida os facilitadores realizaram o fechamento da vivência com a síntese das percepções apresentadas.

As crianças puderam, através da oficina, manifestar suas percepções sobre a violência. Alguns optaram pelo desenho e outros pela colagem. As situações de violência expressas nos desenhosretratavam a vulnerabilidade social a qual as crianças estão submetidas nos arredores da escola ou em sua vizinhança, com assaltos, venda de drogas, situações de abandono. Este cenário refletia-se em suas percepções dentro do convívio escolar, com a depredação do patrimônio, indisciplina dentro de sala e dos conflitos aluno-aluno e aluno-professor.

Na narrativa a partir dos desenhos foi possível a aproximação da história de vida de alguns dos estudantes, marcadas pela exclusão social e pelo crime tão prematuramente, como relatos sobre a morte de entes queridos, ou a inserção em gangues.

Os aspectos abordados pelos jovens em suas produções referentes à oficina trouxeram duas realidades de violências predominantes: a violência escolar, presenciada dentro da escola entre os alunos através de brigas e ameaças e entre os alunos e em relação a instituição de ensino por meio da falta de preservação da estrutura escolar e a violência urbana.

Violência Urbana

Os estudantes representaram a violência urbana através de desenhos de arma de fogo ou gravuras.Ao longo das explicações sobre as produções emergiram histórias do bairro de moradia, e histórias familiares presenciadas pelo jovem.Dentre as histórias citadas, um dos integrantes relatou

a participação em grupos de torcidas organizadas, caracterizada pela violência nos estádios. Outros relatos ainda foram expostos, como o do aluno que presenciou a morte do tio em sua residência, além de histórias que faziam referência ao roubo de aparelhos eletrônicos.

A partir dos relatos foi possível perceber que os bairros, em que os estudantes atendidos na escola residem sofrem com diferentes expressões da violência, o que pode ser um fator de influência na forma como o indivíduo age dentro da escola, aumentando o risco de situações de violência¹¹.

Violência Escolar

Sobre a violência escolar foi possível identificar desenhos e colagens que retratavam situações de agressão física e verbal entre os alunos, onde o agressor estava em uma posição de destaque em detrimento da vítima, o que exemplifica a relação de afirmação identificada⁶. Como vimos a violência escolar se divide em subcategorias, dentre as quais a mais frequente segundo o estudo realizado por Ristum¹² é a violência entre alunos como se pode identificar nas produções da oficina. Sendo importante ressaltar a agressão física como lugar de destaque nos desenhos o que denota, segundo Malta¹¹, o aumento na frequência com que se utiliza a luta física como manifestação da violência.

Tendo sido citado também o espaço escolar sujo, com lixo pelo chão e o material coletivo quebrado ou em mau estado (carteiras, livros, espelhos do banheiro, etc.) como percepções da violência. A escassez de cuidado com o estado físico da escola pode ser resultante da falta de sentimento de pertença do jovem em relação à instituição de ensino, isso sendo fruto dos vínculos enfraquecidos entre escola e comunidade. Segundo Vieira et al¹³, essas atitudes podem demonstrar ainda um pedido de ajuda dos jovens, a fim de serem valorizados e acolhidos dentro do ambiente escolar.

Ao final dos relatos e apresentação das produções, se pode inferir que já existem vários estigmas de violência enraizados no cotidiano desses estudantes. Os facilitadores ficaram responsáveis por fazer a síntese da oficina e assim proporcionar a reflexão sobre o conhecimento de outras formas de lidar com as situações trazidas por eles, como a possibilidade de diálogo, a participação de atividades culturais existentes no bairro como a capoeira e os grupos de hip hop.

Vimos assim que esta é uma situação complexa que merece um projeto de intervenção que possa agregar a equipe da escola e as equipes de saúde, já que a realização da oficina, por si só, não garante a resolutividade da problemática. O trabalho desenvolvido apenas abre a possibilidade para olhar uma questão necessária e pertinente no território de responsabilidade das equipes de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitos os questionamentos que surgiram ao final da oficina, assim como a percepção da ampliação das possibilidades de atuação para os profissionais da saúde, em especial o psicólogo

inserido na Estratégia de Saúde da Família por meio dos NASF. O campo da escola já faz parte do acervo das abordagens próprias da profissão, mas aqui somos chamados ao desafio não só do trabalho específico da categoria, como também intersetorial, tendo em vista a complexidade do tema abordado.

Pensamos que algumas ações podem ser promovidas, como é proposto também no relatório mundial sobre violência⁵ e saúde, que cita as seguintes possibilidades de intervenção: campanhas de mídia e a modificação no currículo das escolas; capacitações com as famílias sobre educação das crianças e para os que já apresentam comportamento violento, por exemplo.

Reconhecemos a importância de atividades como esta por se falar de prevenção o que pode servir de estímulo para a criação de políticas públicas nacionais não punitivas para crianças e jovens, mas sim protecionistas que envolvam a promoção da saúde e bem estar das populações.

Para além dos muros instituídos da saúde precisamos de uma sociedade parceira e acolhedora, que combata as ações deterministas de criminalização da pobreza. Não precisamos de culpados, mas de agentes dispostos a promover espaços de manifestação da cultura, do lazer e do ensino como direitos necessários para a construção de uma sociedade melhor. A escola se mostra como um desses agentes, uma das portas de entrada para intervenções efetivas e eficazes de transformação da sociedade, que precisa e deve ser potencializada e utilizada não só pela educação, mas pela rede intersetorial de cuidado.

REFERÊNCIAS

1. Escola de Saúde Pública do Ceará. Projeto Político Pedagógico do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade. 2012; 1-44.
2. Pereira MPB; Barcellos C. O território no programa de saúde da família. *Hygeia*. 2006;2(2):47-55.
3. Souza ER, Jorge MHPM. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: Lima CA, et al. *Violência faz mal a saúde*. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. p. 23-28.
4. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. *Cadernos de Atenção Básica*, 2009; 24: 96.
5. Krug EG, Dahlberg LL. Violência- um problema global de saúde pública. In: Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. *Relatório Mundial sobre Saúde e Violência*. Genebra: Organização Mundial da Saúde;2002. p. 1-19.
6. Dimenstein M, Vilhena J. Da vida dos jovens das favelas cariocas. *Drogas, violência e*

confinamento. Rev. Do Departamento de Psicologia da UFF. 2005; (1);1-18.

7. Porto MSG. A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória da pesquisa. Ver. Sociedade e Estado. 2015; 30(1); p. 19-37.

8. Ristum M. Violência na escola, da escola e contra a escola. In: Assis SG, Constantino P, Avanci JQ, organizadoras. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p. 65-93.

9. Holiday, OJ. Para Sistematizar experiências. João Pessoa: Universitária; 2006.

10. Candau V M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Rev. Currículo sem Fronteiras. 2011; 11(2); p. 240-255.

11. Malta DC. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Ciênc. Saúde Coletiva. 2010;15:3053-63.

12. Ristum M, Bastos ACS. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. Ciênc Saúde Coletiva. 2004; 9:225-39

13. Vieira LJES, Abreu CAP, Valdês MTM, Oliveira EM, Ferreira RC, Catrib AMF. Violência na escola pública: relatos de professores. Rev brasileira de promoção a saúde. 2010; 23:34-42.

Artigo apresentado em 01/03/2017

Artigo aprovado em 12/02/2018

Artigo publicado no sistema em 22/11/2018